

## Museus como espaços de produção científica e educação do olhar

Alex Varela\*

PODGORNY, Irina; LOPES, Maria Margaret. *El desierto en una vitrina. Museos e historia natural en La Argentina, 1810-1890*. México: LIMUSA, 2008.

O trabalho de colaboração realizado pelas historiadoras das ciências Maria Margaret Lopes e Irina Podgorny foi iniciado há alguns anos e tem rendido importantes frutos para a história dos museus na América Latina. Em diversos artigos e livros, inclusive o que agora resenhamos, as autoras abordam os museus como espaços de atividade científica, instituições de produção e disseminação de conhecimentos, estudando-os a partir do contexto local em que foram criados. Na visão das autoras, esses espaços foram *loci* de produção científica na região, e, em particular, no que se refere às ciências naturais, não só estiveram particularmente atuantes, como de fato institucionalizaram essas ciências e suas especializações nos diversos países latino-americanos. Os museus estavam longe de serem meras “casas de fachada”.

No caso específico desta obra, as autoras redigiram uma série de ensaios sobre os museus de ciências da Argentina do século XIX, situado em particular nas décadas de 1870 e 1880, momento de expansão das fronteiras do país em direção ao sul e aos territórios do Chaco. Privilegiaram a análise de alguns episódios ligados à classificação da fauna fóssil realizada por meio das coleções dos museus de Buenos Aires e outras cidades da atual Argentina, enfatizando as controvérsias científicas da paleontologia e das ciências naturais da época. A disciplina da Paleontologia, com suas vinculações de índole teórica e sistemática com a zoologia e com a geologia, foi a escolhida pela importância que a mesma assumiu no contexto histórico descrito no livro.

Na introdução da obra, “O museu como lugar do saber e da educação do olhar”, as autoras argumentaram como o espaço do museu dá forma a determinadas práticas, onde o desenvolvimento de novos saberes se liga à constituição de espaços. Neste sentido, os museus condicionaram a orientação teórica de diversas disciplinas (“saberes museológicos”) e, por sua vez, dirigiram este domínio em direção a uma lógica visual e espacial. De um lado, os espaços de investigação dos cientistas, localizados nos despachos privados e na mesa de trabalho. De outro, os espaços de exposições públicas, onde aparecem expostas ao grande público as suas coleções com notas esclarecedoras, diagramas, etiquetas descritivas e guias, para, deste modo, levar adiante a missão do museu de colaborar na autoeducação dos seus visitantes, colocando os espaços museológicos no mesmo marco da educação do olhar como as exposições e feiras, panoramas e teatros.

A seguir, o livro subdivide-se em nove capítulos. No primeiro, “Museus, Instruções e Sociabilidade”, as autoras chamaram a atenção para o intercâmbio entre diplomacia, política e fósseis. Elas mostraram que, da mesma forma que os fósseis dos Pampas despertaram o interesse científico europeu desde as primeiras décadas do século XIX, o interesse pelas coleções e museus na Argentina criaram também a afluência de viajantes a estas costas em busca desses ossos cujo valor monetário se manteve muito alto durante praticamente todo o século. Este interesse caminhou paralelamente com o desenvolvimento da anatomia comparada, graças aos estudos do naturalista Dámaso Antonio Larrañaga, que adotou a anatomia comparada como base para as classificações dos animais. As descrições dos fósseis feitas por Francisco Javier Muñiz também foram sublinhadas pelas autoras e a sua articulação com Charles Darwin com o intuito de enviar para o *Royal College of Surgeons Museum* de

\* MAST/MCT.

Londres o fóssil do tigre de dentes de sabre, mostrando assim o seu desejo de participar nos círculos científicos metropolitanos.

O segundo capítulo, “El Museo Nacional de Paraná”, mostra a criação e institucionalização deste espaço museológico no contexto do governo da Confederação Argentina localizada na região de Paraná. O museu foi criado por Decreto de 17 de julho de 1854 com a missão de atuar em dois níveis: como espaço criador de consenso e de costumes comuns entre os integrantes da própria Confederação, e como órgão de propaganda exterior. Nesta última função deveria difundir uma imagem da Argentina provida de inúmeras riquezas e regenerada pelas instituições, das quais o Museo Nacional constituía o exemplo maior. Suas coleções exibiriam materiais que condensariam a potencial riqueza do Estado nacional, muitos dos quais seriam exibidos nas exposições universais, pelo seu primeiro diretor, Alfredo Barbais Du Graty, para difundir a imagem de uma natureza pródiga como principal argumento propagandístico para os potenciais interessados europeus. A natureza argentina seria a protagonista da imagem difundida no exterior pelo Museo. Um papel importante também teve o órgão para os estudos geológicos e paleontológicos, através do seu segundo diretor, o francês Auguste Bravard. Por meio das suas observações de campo e suas coleções de fósseis, ele estudou os terrenos marinhos terciários das redondezas da região de Paraná, destacando assim a importância dos fósseis na natureza argentina.

“La Naturaleza em Marcha Hacia Buenos Aires” é o título do terceiro capítulo, no qual as autoras mostraram que até 1870, o Museo Público de Buenos Aires tinha um perfil de museu geral, tal como se depreende da reunião em um só lugar das coleções zoológicas, das relíquias da história argentina, da numismática e das coleções européias. Elas sublinharam o papel de Hermann Burmeister, alemão que chegou a Buenos Aires com sua experiência de professor de zoologia da Universidade de Halle, foi empregado pelo governo para dirigir uma instituição existente, conduzindo o Museo segundo seus próprios interesses científicos e dando-lhe um perfil muito mais específico do que tinha até então. Os estudos se concentraram na zoologia e na paleontologia de mamíferos, embora as outras áreas não tenham desaparecido. Burmeister pouco valorizou os estudos do homem.

O quarto capítulo, “La Lección de Vuestros Profesores”, as autoras definiram Hermann Burmeister como representante do autêntico *seeker*, ou seja, um naturalista independente, não financiado por seu país de origem, que buscava, através de diversos espaços institucionais, o recurso para realizar suas investigações e dialogar com os seus pares europeus e norte-americanos. Profundamente absorvido por seus trabalhos, em um museu organizado para tal fim, ele tinha uma consciência clara da imagem de seu gabinete de estudos construída pelos políticos e pela elite de Buenos Aires. Conforme a ela, ele atuava a favor de seus interesses pessoais, científicos, profissionais e políticos. Como todo conhecedor das regras, tal fato incluía a missão de alimentar a importância simbólica atribuída por esta elite ao museu e às suas publicações. Uma destas foi o *Anales del Museo Público de Buenos Aires*, espaço no qual divulgou diversos artigos versando sobre paleontologia, zoologia, a história e o estado do Museo. Por meio dos Anales consolidou uma importante rede de intercâmbios científicos com os museus, especialmente da América do Sul, e contagiou com seu prestígio ao país onde vivia e a instituição que dirigia, se beneficiando das suas coleções e do espaço profissional conquistado para desenvolver a sua obra.

“Los Museos de los Jóvenes” é o título do quinto capítulo. Nesta parte do livro, as autoras destacaram a atuação de Francisco Pascacio Moreno, primeiramente, na direção do Museo da Sociedade Científica Argentina (1875), e, depois, como diretor do Museo Antropológico e Arqueológico da Província de Buenos Aires (1877). O “Museu Moreno”, expressão usada pelas autoras, teria os seus interesses voltados para as áreas da arqueologia e da antropologia. Esta seria a tônica da instituição até 1880, quando a ênfase esteve posta nas coleções de crânios e restos das antigas raças, embora em suas coleções existissem fósseis e diferentes amostras da natureza do território.

O sexto capítulo, “La Conquista de 15.000 Léguas”, tratou da ocupação definitiva por parte do Estado argentino dos territórios indígenas dos Pampas e da Patagônia. A chamada “conquista do deserto” - expansão da fronteira ao Rio Negro - foi levada a cabo entre abril e junho de 1879. Para esta campanha de conquista militar foi associado um grupo de cientistas para o levantamento do território, o qual deveria ser estudado somente por meio das suas riquezas zoológicas, botânicas e geológicas. Estanislao Zeballos, um dos participantes desta expedição militar, escreveu a obra *La Conquista de las Quince Mil Léguas*, relatando todo o processo de dominação dos índios que habitavam a região dominada e o processo de formação

de uma coleção composta por diversos vestígios materiais dos indígenas, e por crânios e restos de esqueletos dos nativos. Para os governantes da nação argentina, nada poderia ficar no deserto, nem os despojos dos seus mortos, uma vez que a ciência exigia que os crânios dos índios deveriam ser levados aos museus e laboratórios. Em um segundo momento, a Academia Nacional de Ciências de Córdoba em parceria com o Instituto Geográfico Argentino estiveram associados na conquista militar da ocupação do território patagônico, quando o Chaco era a única zona do território em mãos dos indígenas. O Museu de La Plata, criado no ano de 1888, concebido como museu geral da Província, seria o local onde a barbárie dos territórios conquistados seria exposta em suas vitrines, tornando-se assim o símbolo da divisão de águas de duas etapas na constituição da República argentina e como monumento do futuro promissor do país.

No sétimo capítulo, “El Largo Año de 1881”, as autoras analisaram o projeto e as discussões em torno da criação do Museu Nacional de Arqueologia, Antropologia e História Natural, idealizado por Francisco Moreno, que se iniciou em 1881 e se estendeu até o ano de 1882. Defendido no congresso argentino sobretudo pelo senador Aristóbulo Del Valle, contaria também com o apoio de Florentino Ameghino, que recente havia chegado de Paris e desejava encontrar um local adequado para ter suas coleções armazenadas. Ameghino se aliou ao ministro Pizarro doando os seus objetos de estudo para o Museu. Contudo, passado alguns dias, o mesmo ministro renunciou ao cargo e, o substituto se declarou inimigo do projeto. Esta aliança entre um homem de ciência e um político para a concretização do projeto acabou se revelando fracassada. Mas um novo espaço para os naturalistas de Buenos Aires acabou sendo aberto, uma vez que Ameghino abriu uma livraria em Buenos Aires, tornando-se o local um ponto de reunião de todos os estudiosos da região do Prata.

“Moluscos, mamíferos y clasificaciones” é o título do oitavo capítulo, no qual as autoras analisaram as discussões entre Florentino Ameghino e Hermann Burmeister sobre as idéias acerca das idades das formações geológicas dos Pampas, deixando claro que as polêmicas entre os dois estudiosos mostraram parte do problema da paleontologia de fins do século XIX, ligado à fragmentação das coleções, das bibliotecas e das próprias mostras do objeto desta ciência. Neste capítulo, o caso de Ameghino é exemplar por revelar a relativa independência do trabalho do cientista do espaço do museu.

No capítulo nove, chamado “Las Instituciones de la Capital de la Provincia de Buenos Aires”, as autoras analisaram a importância da aparição, nos inícios da década de 1890, de dois catálogos da fauna fóssil sul-americana. O primeiro intitulado *Contribución al Conocimiento de los Mamíferos Fósiles de La República Argentina*, de Florentino Ameghino, cujo intuito era fornecer uma idéia das diferentes faunas de mamíferos sucedidas em outras épocas no atual território da República Argentina. O segundo apareceu no Museu de la Plata, a chamada *Revista e os Anales Del Museo de La Plata*, cuja série dedicada aos fósseis era chamada de *Paleontología Argentina* e tinha como fim constituir o preâmbulo do catálogo da galeria paleontológica do Museu. No ponto de vista das autoras, estas duas publicações constituíram-se em “dois grandes museus de papel” conseguindo disparar o número de espécies e concentrar a informação nestes museus de duas dimensões.

Na parte final, as autoras arrematam a obra mostrando que as coleções e o trabalho dos cientistas nos museus aparecem estruturados sobre a base das relações de sociabilidade privada e da utilização dos próprios recursos econômicos para fomentar a prática de investigação. Dessa forma, os museus representam a capacidade de negociação de naturalistas e cientistas e sua história contém vestígios das alianças tecidas para conseguir seu estabelecimento e consolidação. No caso específico argentino, os indivíduos que souberam unir o seu prestígio pessoal e as suas redes sociais com os interesses da nação conseguiram levar adiante os seus projetos.

Todos os capítulos mencionados servem de alicerce para as autoras mostrarem que “os museus, para além de seus significados simbólicos e mensagens transmitidas, constituíam e constituem uma estrutura material, um espaço onde têm lugar distintas atividades e práticas científicas, modeladas a partir das especificidades de cada instituição e dos conflitos e alianças escondidos atrás de suas histórias e portas”. (p.26)

Com certeza o leitor está diante de mais uma importante contribuição das historiadoras das ciências Maria Margaret Lopes e Irina Podgorny para a historiografia sobre os museus na América Latina. As leituras realizadas em *El desierto en una vitrina* propõem desafios, novos caminhos e, acima de tudo, ao estilo das autoras, reflexões extremamente frutíferas que irão inspirar novos trabalhos. ■